

Deslocamentos e Re-descobertas: a Poética da Viagem nas Obras de Elizabeth Bishop e Jan Conn

Magali Sperling Beck (UFSC)ⁱ

Resumo:

A idéia de “descobrimento”, já desconstruída e reconstruída por diferentes ângulos, continua a interessar a produção crítica e literária da contemporaneidade. Talvez tal interesse advenha do que Steve Clark chama de “des-reconhecimento” de narrativas de viagem coloniais nos séculos XV e XVI, conceito atrelado ao elemento fictício do encontro cultural ente o Eu e o Outro. É significativo perceber que escritores como Elizabeth Bishop e Jan Conn ainda abordam suas reconstruções poéticas de deslocamentos geográficos através de uma perspectiva de “re-descoberta.” Entretanto, ao invés da reprodução de estratégias de representação que buscam a completa separação entre viajante e local viajado, tais escritoras questionam seus posicionamentos enquanto construtoras e observadoras de um outro cultural inesperado. Sugiro que tanto a poesia de Bishop quanto a de Conn reconhecem as tensões e os momentos de instabilidade envolvidos na mobilidade espacial, mas que é justamente através de tais momentos que o legado histórico das narrativas de viagem pode ser reconstruído e revisado.

Palavras-chave: literatura de viagem, literatura contemporânea, deslocamentos, descobrimento

Início este trabalho com uma citação do poema “Descobrimento”, da escritora canadense Gwendolyn MacEwen:

Não imagine que o trabalho de exploração
termina, que ela entregou todo seu mistério
ou que o mapa que você segura
cancela futuros descobrimentos

posso lhe dizer que este descobrimento leva anos,
séculos, e quando você a encontrar nua
olhe novamente,
admita que existe algo que você ainda não consegue nomear,
um véu, ou algo que a cobre logo acima da carne
e que você não consegue remover por seu mero desejo

quando você enxergar a terra nua, dê um novo olhar
(queime seus mapas, não é isso que eu quero dizer),
me refiro ao momento quando tudo parece mais claro
é este o momento quando você deve recomençar. (MACEWEN, 2000, p.175, minha tradução)

Apesar da obra de MacEwen não ser necessariamente o foco deste trabalho, o poema há pouco citado traz alguns questionamentos interessantes a respeito da idéia do descobrimento. No poema, a imagem da terra e do corpo feminino são novamente interligadas ao ato de exploração, reinterpretado como um ato de despir, desnudar, revelar, remover – um ato de leitura que é, na verdade, questionado no poema já que carrega consigo não só a inconclusiva ação de olhar, como também a possibilidade de uma não-possibilidade, ou seja, o reconhecimento de que algo ficará de fora, não visível, já que parte daquilo que o observador não enxerga ou, como repetido algumas vezes no poema, não consegue enxergar.

O que parece extremamente interessante na releitura de MacKewen sobre a idéia do descobrimento é justamente o momento da incerteza, o apontamento de que ferramentas, tais como mapas, não necessariamente funcionam em encontros com esta terra aparentemente nua mas não tão visível. E é este momento de incerteza que se torna tantas vezes alvo de questionamentos contemporâneos sobre a idéia de descobrimento já que pode

ser relacionado ao que Steve Clark chamou de “des-reconhecimento” (*misrecognition*) das narrativas de viagem coloniais (CLARK, 1999, p.3). Em tais narrativas o elemento fictício do encontro cultural entre o Eu e o Outro desafia os limites entre o ocorrido (observado) e o inventado, tornado-se, então, praticamente inerente ao gênero. Entretanto, para Clark, apesar deste “des-reconhecimento” nos levar a uma leitura das representações de encontros culturais como inseparáveis das questões de poder e de desejo (tão bem representadas no poema de MacEwen, por exemplo), estes mesmos “des-reconhecimentos” permitem novas leituras ou re-descobertas dos legados históricos da colonização.

Neste contexto, é significativo perceber que escritores contemporâneos ainda abordam suas reconstruções poéticas de encontros culturais e deslocamentos geográficos através de uma perspectiva de “re-descoberta.” Entretanto, ao invés da reprodução de estratégias de representação que buscam a completa separação entre observador (viajante) e observado (local viajado), tais escritores questionam seus posicionamentos enquanto construtores e observadores de um outro cultural inesperado. As obras das poetisas norte-americanas Elizabeth Bishop e Jan Conn são exemplos de tais reconstruções. Ambas recuperam em linguagem poética suas experiências cruzando fronteiras no “Novo Mundo”, mais especificamente no Brasil. Apesar de abordarem a viagem em diferentes momentos históricos, suas obras possibilitam a reflexão sobre o papel do escritor na construção de identidades culturais.

Como muitos de nós sabemos, a poetisa americana Elizabeth Bishop morou no Brasil entre os anos de 1952 e 1970, na maior parte do tempo em Petrópolis, Rio de Janeiro, com sua companheira Lota de Macedo Soares. Diferentemente de outras experiências de viagem, como a experiência de visitar a Inglaterra, por exemplo, a qual foi descrita por Bishop em uma entrevista para Edward Lucie-Smith como “ver um filme após ter lido o livro” (LUCIE-SMITH, 1996, p. 13, minha tradução), a experiência de Bishop no Brasil trouxe certo grau de desorientação já que não tão facilmente traduzida para um conhecimento familiar esperado ou previsto. Nas primeiras cartas que Bishop escreve para seus amigos nos Estados Unidos, ela deixa transparecer tanto seu prazer quanto sua inquietação por estar vivendo no que ela chama de “completa confusão” (BISHOP, 1994, p. 243, minha tradução) de sentidos, sentimentos e experiências. Entretanto, tal confusão não a detém, e ela procura “re-descobrir” ou explorar a nova terra brasileira através de suas experiências de viagem no país. Em uma das cartas de 1953, Bishop descreve sua empolgação ao se preparar para o que chama de “expedição” à Ouro Preto, em Minas Gerais. E vemos que expedições como esta são feitas a muitas outras localidades no Brasil, tais como para a Amazônia, para a reserva do Xingú, ao rio São Francisco, entre outras. Em tais viagens de redescoberta, Bishop procura articular sua posição como escritora ou como construtora de um outro cultural não facilmente compreendido e entendido, e suas cartas redigidas nos primeiros anos em que esteve no Brasil demonstram a dificuldade da autora em abordar tais construções poeticamente já que estas seriam sempre ligadas a uma interpretação, ou a uma leitura específica, de experiências vividas (ou seja, ligadas ao que Clark chama de “des-reconhecimento”, já que uma representação fictícia de tal experiência). Vemos assim que a interligação entre viajar, explorar e escrever se torna bastante significativa nas considerações de Bishop sobre sua arte poética.

Quase trinta anos após a chegada de Bishop no Brasil, a poetisa canadense Jan Conn também desembarca no país. Entretanto, as expedições de Conn em terras brasileiras estão, em sua maioria, relacionadas às suas pesquisas científicas já que, além de escritora, Conn é também uma pesquisadora reconhecida na área de biologia molecular. Enquanto sua carreira científica permite com que Conn foque nas especificidades de seu trabalho de campo no Brasil, sua obra literária a possibilita articular sua experiência cruzando fronteiras no chamado “Novo Mundo,” refletindo sobre sua posição ambivalente de observadora e construtora de novos significados sobre o local viajado. Em um de seus primeiros poemas sobre o Brasil, intitulado “Belém”, Conn reconstrói, ironicamente, a maneira com que o eu-viajante se vê completamente envolvido no mito da viagem como re-descoberta de um outro cultural a ser examinado e explorado. Assim, a primeira estrofe do poema demonstra tais sentimentos de distanciamento:

Não vim aqui para me perder
ou me encontrar, como eu poderia ter feito quando tinha
dezessete anos. Vim para Belém
para examinar o mármore branco
do Teatro da Paz, para vagar entre os
barcos de camarão amontoados no porto,
para comer moqueca e empadinhas de camarão,

para encontrar os fantasmas de Alfred Russel Wallace
e Henry Bates passeando na Avenida Castilo Franca. (CONN, 1990, p.88, minha tradução)

Nestes versos, o “eu examinador” busca explorar e redescobrir elementos culturais que marcam a diferença do local viajado. Neste contexto, ao citar os nomes de exploradores e naturalistas britânicos que estiveram na Amazônia antes dela, tais como Russel Wallace ou Henry Bates, Conn reconhece que sua construção poética da experiência de deslocamento faz parte de um arquivo de narrativas de exploração, o qual está ainda em diálogo com sua leitura contemporânea de encontros culturais. Tais narrativas inevitavelmente informam as reconstruções de Conn, e o apontamento destes “fantasmas” no poema torna-se extremamente relevante pois demonstra justamente estas interligações entre passado e presente no olhar do viajante.

Assim como Conn, Bishop também reconhece seu interesse crescente em narrativas escritas por outros exploradores que estiveram na América do Sul. Em uma de suas cartas de 1953, ela descreve o livro intitulado *A Naturalist in Brazil*, de Konrad Guenther, publicado em 1931, que a interessa pelo fato de o livro “nomear” o que ainda é desconhecido para a autora; no mesmo ano Bishop também fala em suas cartas sobre algumas das histórias que Charles Darwin conta sobre o Brasil, tanto em seu diário no *Beagle*, como também em seus livros mais conhecidos. Tal interesse em narrativas de exploração parecem oferecer à Bishop uma forma de remapear as fronteiras entre o conhecido e o desconhecido em suas experiências no Brasil, permitindo a inserção de suas re-criações do outro brasileiro dentro de um circuito de narrativas de viagem que, de uma certa forma, dialogam entre si, já que constroem a diferença cultural através da idéia da re-descoberta, mesmo que para Bishop tal re-descoberta seja problematizada. Vale a pena lembrar aqui que uma das passagens mais famosas de Bishop sobre seu fazer poético é a famosa “Carta de Darwin” (como tem sido chamada), já que nesta carta Bishop reflete sobre o ato de observar e representar através da leitura que faz dos processos de observação e descoberta do naturalista britânico.

No livro *Traveller's Tales*, Robertson e demais autores afirmam que “as narrativas nômades do presente fluem dos mitos expansionistas do passado” (ROBERTSON ET AL, 1994, p. 4, minha tradução). Neste contexto, os atos de deslocamento em diferentes espaços geográficos e a leitura destes espaços tornam-se também atos de reconstrução dos legados históricos que ainda informam estes mesmos espaços. É exatamente este reconhecimento que tanto Bishop quanto Conn exploram em suas reflexões de viagem. Em seus escritos, os espaços norte e sul americanos são re-lidos no contexto de seu passado colonial. E apesar de tais releituras poderem ser vistas como “autorizadas” pelo que o crítico Neil Larsen chama de “senso-comum colonial” (LARSEN, 1995, p.2), já que o norte sente-se invariavelmente autorizado a reler o sul, perpetuando a dicotomia sobre civilização e barbárie, na obra das escritoras mencionadas, a viagem e o movimento norte-sul nas Américas funciona não somente como uma categoria de comparação ou como figura poética, mas sim como uma forma concreta (material) de visitar locais específicos de conflitos históricos. Além disso, ao invés de simplesmente celebrar o cruzamento de fronteiras, tanto Bishop quanto Conn parecem interessadas em rearticular seus papéis de escritoras sobre o Brasil para um público norte-americano, papéis esses que são lidos de forma crítica.

A fim de ilustrar tal discussão, apresento brevemente aqui a leitura de dois poemas que tratam especificamente sobre a questão do descobrimento. São eles “*Brazil, January 1, 1502*”, de Bishop, publicado em sua coletânea *Questions of Travel*, em 1965 e o poema “*Amazonia*”, de Jan Conn, publicado na sua última coletânea, em 2009. Nestes dois poemas, a experiência do viajante contemporâneo de chegar ao local viajado é equiparada a outras chegadas históricas, as quais inevitavelmente transformaram e definiram a terra brasileira. Neles, o olhar do colonizador/explorador é justaposto ao olhar do viajante em sua admiração pela natureza exuberante do local viajado como também no desejo de conquistar aquilo que não é conhecido.

No poema de Bishop, por exemplo, esta justaposição acontece já nos primeiros versos: “Janeiros, a Natureza cumprimenta nossos olhos / exatamente como deve ter cumprimentado os deles” (BISHOP, 1983, p. 91, minha tradução). A equiparação entre os pronomes “nossos” e “deles” é resolvida somente no final do poema já que neste momento não temos acesso à quem estes olhos pertencem. Por outro lado, temos acesso ao direcionamento deste olhar, ou ao espetáculo da natureza, que parece ser o foco principal das duas primeiras estrofes; ou seja, o poema abre com a natureza exuberante, descrita como abundante e até exagerada já que cada polegada de terreno é coberta das mais diversas folhagens, plantas e cores. É interessante notar que, apesar de a natureza ser representada no poema como selvagem ou praticamente incontrolável – no sentido de não poder ser contida no espectro do olhar do viajante – esta tentativa de captura se faz presente através da percepção da

natureza como pintura: ela está ainda “fresca como se recém acabada / e retirada da moldura” (BISHOP, 1983, p. 91, minha tradução). Esta tentativa de emoldurar ou conter o observado torna-se mais explícita na última estrofe do poema, quando o encontro entre viajante-explorador e local viajado é representado como devastador. Nesta estrofe, a contextualização do momento colonial é representada pelos cristãos em suas armaduras, os quais “vieram e encontraram tudo isso” (BISHOP, 1983, p. 92, minha tradução). Ou melhor, como o próprio poema sugere, mais do que encontraram, devastaram, já que destruíram a tapeçaria natural do terreno, “cada um atrás de uma Índia - / aquelas pequenas mulheres enlouquecidas que continuavam chamando / chamando umas as outras (ou será que os pássaros haviam acordado) / e embrenhavam-se cada vez mais na mata adentro” (BISHOP, 1983, p. 92, minha tradução).

Assim, vemos a violência do encontro colonial, com seus sonhos de “riqueza e luxúria” (BISHOP, 1983, p. 92, minha tradução), sendo re-vivida pelo viajante contemporâneo, o qual também se vê imbuído de desejo pelo Outro exótico e maravilhoso. É neste momento que os sujeitos deste olhar são definidos e como sugere o crítico Jeffrey Gray, os pronomes “nossos” e “deles,” que abrem o poema, unem “duas experiências de descobrimento: o momento clássico do conquistador e a chegada do turista moderno” (GRAY, 2005, p. 36, minha tradução). Nesta justaposição, Bishop demonstra de que forma os antigos sonhos de riqueza e apropriação continuam a ser impostos à terra re-des-coberta. Em sua leitura, deslocamentos geográficos contemporâneos não são ingênuos ou imaculados e o poema como um todo parece desafiar a posição do observador enquanto escritor deste cenário de encontros entre viajante e local viajado. Talvez como uma forma de renegociar esta posição, Bishop procura ler a história na própria natureza, localizando o olhar do observador na interseção entre o passado e o presente.

De uma forma similar, no poema “*Amazonia*”, Jan Conn apresenta a cumplicidade do sujeito viajante com uma tradição de conquista e exploração. Apesar de o poema ser iniciado com a tentativa do sujeito de se emaranhar na experimentação da cultura local através da prática exótica de provar um afrodisíaco poderoso produzido na região ou de buscar rituais religiosos locais, tais momentos de experimentação são permeados pela constante interseção entre passado e presente no poema. Em uma das estrofes, por exemplo, o sujeito viajante reflete sobre as transformações ocorridas no local viajado devido à colonização e aos mapeamentos geográficos e científicos da região amazônica:

Sob um céu quente da cor de safira
E na margem fresca do Atlântico,
Em 1616 os Portugueses chegaram, em nome da coroa,
Vestindo couro e metal,
Espadas e capacetes, e fundaram Belém. Eles chegaram
E continuaram chegando...

Margaret Mee viajou para cá quando eu tinha quatro anos,
Seus pés pequenos firmemente plantados
Nas pegadas de Richard Spruce e Adolpho Ducke.
Agora eu fico a observar a água cintilante,
Agitada e refletindo a lua,
O mesmo vento noturno nas minhas costas, a mesma lua...
(CONN, 2009, p. 81-82, minha tradução)

Nestes versos vemos as diferentes gerações de exploradores e viajantes que, seja com suas espadas e capacetes como os colonizadores portugueses, ou com seus tratados científicos como os naturalistas Margaret Mee e Richard Spruce, transformaram e domesticaram o espaço viajado. O olhar do viajante contemporâneo é direcionado ao mesmo cenário natural, mas é justamente através deste olhar que o viajante reconfigura significados novos e velhos impostos à região, criando assim novas fronteiras de conhecimento em terras brasileiras.

Através de tais leituras poéticas, tanto Conn quanto Bishop resgatam um arquivo histórico de outras narrativas de viagem e exploração e inserem seus próprios encontros com o outro brasileiro dentro destas narrativas. Entretanto, o que parece ser bastante significativo nestas leituras é que, ao mesmo tempo que as escritoras reconhecem a cumplicidade do sujeito viajante contemporâneo com o discurso do descobrimento, elas também procuram resistir a este mesmo discurso ao apresentar uma tensão constante entre a perspectiva do

viajante e a existência concreta (material) do espaço viajado. Assim como no poema de MacEwen citado inicialmente, é no encontro com o corpo des-coberto ou com a terra despida por deslocamentos geográficos coloniais e pós-coloniais que podemos notar o paradoxo do ato de viajar e representar: o descobrimento está sempre ligado ao que não se consegue apreender, como as vozes e experiências das mulheres nativas embrenhando-se na mata, no poema de Bishop, ou a não compreensão das diferentes facetas do outro, no poema de Conn. Nestas reconstruções poéticas da viagem, o ato de olhar é desestabilizado ao se perceber que o espaço observado é não somente habitado como também histórico. E é através da recuperação destes locais de conflito que as duas escritoras parecem negociar seus deslocamentos nestes mesmos espaços.

Para concluir, retomo a idéia de que tanto Bishop quanto Conn refletem sobre o papel do escritor-viajante dentro da ótica do descobrimento, possibilitando assim novas leituras sobre o legado histórico do discurso da viagem. A insistência das duas autores em representar o passado colonial de cruzamento de fronteiras pode ser vista como reflexo de uma certa ansiedade sobre o eixo de seus movimentos nas Américas: do norte para o sul. Percebendo que as imagens do outro brasileiro construídas em suas obras serão consumidas por uma audiência também interessada na diferença e no exótico, estas escritoras procuram questionar os limites e as cumplicidades de suas construções poéticas, transformando o espaço viajado em um local historicamente complexo e permeado pelas muitas leituras já impostas a este mesmo terreno. Como nos diz Conn em “Três poemas para o rio Xingú”: “Às vezes, o que os olhos conseguem ver, / o coração não enxerga...” (CONN, 2009, p. 87, minha tradução). Assim, ver e fazer sentido não são necessariamente sinônimos, e ao perceber tais momentos de des-reconhecimento, escritores contemporâneos como Bishop e Conn abrem novos espaços para a reflexão sobre os atos de observar e representar. Se, como sugere MacEwen, descobrir é na verdade um contínuo re-des-cobrir, talvez seja no entrecruzamento de diferentes momentos históricos que novas formas de abordagem ao discurso da viagem podem ser construídas.

Referências Bibliográficas

- [1] BISHOP, Elizabeth. **One Art: Letters**. Editado por Robert Giroux. Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 1994.
- [2] _____. **The Complete Poems: 1927-1979**. Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 1983.
- [3] CLARK, Steve. “Introduction”. In: _____. (Org.) **Travel Writing and Empire: Postcolonial Theory in Transit**. Londres: Zed Books, 1999, p. 1-28.
- [4] CONN, Jan. **Botero’s Beautiful Horses**. London, Ontario: Brick Books, 2009.
- [5] _____. **South of the Tudo Bem Café**. Montreal: Signal, 1990.
- [6] GRAY, Jeffrey. **Mastery’s End: Travel and Postwar American Poetry**. Athens, GA.: University of Georgia Press, 2005.
- [7] LARSEN, Neil. **Reading North by South: on Latin American Literature, Culture, and Politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.
- [8] LUCIE-SMITH, Edward. “No Jokes in Portuguese”. **Conversations with Elizabeth Bishop**. Editado por George Monteiro. Jackson: University Press of Mississippi, 1996, p. 12-13.
- [9] MACEWEN, Gwendolyn. “The Discovery”. In: **Currents: Stories, Essays, Poems, and Plays**. Editado por W.K.E. McNeilly, et al. Scarborough: Prentice Hall, 2000.
- [10] ROBERTSON, George, et al. **Traveller’s Tales: Narratives of Home and Displacement**. Londres: Routledge, 1994.

ⁱ Autora

Magali SPERLING BECK, Profa. Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras
magalisperling@gmail.com